



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA À REPÚBLICA TCHECA

(25-27 DE ABRIL DE 1997)

ENCONTRO COM OS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL

DISCURSO DO SANTO PADRE

Nunciatura de Praga

Sexta-feira, 25 de Abril de 1997

Senhor Cardeal

Caríssimos Coirmãos no Episcopado!

1. Desejei vivamente este encontro convosco, que tendes a responsabilidade da guia na fé e do governo na caridade do Povo de Deus nestas regiões. Dou graças a Deus por poder estar hoje aqui convosco, nesta casa que é para todos acolhedora, porque é um pouco a casa do Papa.

Estou-vos grato pelo cuidado com que preparastes esta visita. Possa ela produzir abundantes frutos de renovação na vida cristã das vossas respectivas dioceses e circunscrições eclesiais, em poucos anos aumentadas de número depois da recente erecção das dioceses de Plzeň na Boémia e de Ostrava-Opava na Morávia e Silésia.

Saúdo com afecto cada um de vós, a começar por Vossa Eminência, caríssimo Cardeal Arcebispo de Praga e sucessor de Santo Adalberto, e por Vossa Excelência, Senhor Arcebispo de Olomouc, na grata recordação do acolhimento seu e dos fiéis, durante a peregrinação de há dois anos. Dirijo uma saudação especial também a D. Karel Otčenášek, em cuja Diocese terei a alegria de celebrar, amanhã, a Santa Missa para a juventude. Vejo com satisfação o Exarca Apostólico do novo Exarcado para os fiéis de rito bizantino-eslavo residentes na República Tcheca. Além dos Bispos residenciais desejo saudar também os Auxiliares, entre os quais os dois de Praga, de recente ordenação episcopal.

Estou aqui para dar graças a Deus, juntamente convosco, pelos dons espirituais, com que abençoou a Igreja na Boémia, na Morávia e na Silésia no decurso do Decénio de renovação espiritual, querido pelo inesquecível Card. František Tomášek. Decénio, proclamado em tempos ainda densos de trevas, a fim de preparar os fiéis para o Milénio do martírio de Santo Adalberto.

2. Esta noite Santo Adalberto fala-nos da sua vida de Bispo, devorado pelo zelo para com o rebanho a ele confiado, e ao mesmo tempo arrebatado por Deus segundo o ideal beneditino de oração e de acção. A antiga biografia, traçada por Bruno de Querfurt, define de modo lapidário a sua fisionomia de Bispo: *Bene vixit, bene docuit, ab eo quod ore dixit nusquam opere recessit*. «Viveu de maneira egrégia, ensinou com sabedoria, jamais se apartou, com as obras, de quanto disse com os lábios» (Legenda *Nascitur purpureus flos*, XI). E de modo não menos eficaz delineia-lhe as virtudes de monge, o amor à oração, ao silêncio, à humildade, ao escondimento: *Erat laetus ad omne iniunctum opus, non solum maioribus sed etiam minoribus oboedire paratus, quae est prima via virtutis*: «Alegrava-se com qualquer trabalho que lhe fosse confiado, pronto a obedecer não só aos superiores mas também aos inferiores, é isto que constitui a primeira via da virtude» (*ibid.*, XIV).

A sua rica personalidade, a sua forte e mansa figura de homem sensível aos valores da civilização cristã, de Bispo aberto às grandes dimensões europeias, que teve o carisma de unir num só anélito de apostolado as diversas nações da Europa, constitui para nós um modelo. Ele foi um Pastor integérrimo e tenaz que, diante da corrupção e das debilidades, permaneceu fiel à imutável Lei de Deus; foi missionário corajoso e responsável, chamado a ampliar cada vez mais os horizontes da evangelização e do anúncio.

3. Santo Adalberto enfrentou na sociedade do seu tempo, tanto civil como eclesiástica, desafios de gravidade enorme, empenhando-se numa obra significativa que, se não deu imediatamente frutos visíveis, produziu com o tempo efeitos que perduram ainda hoje. Os desafios que vós, caríssimos Bispos, tendes hoje à vossa frente não são menos empenhativos daqueles de outrora. Penso, em primeiro lugar, na indiferença religiosa que, como tive oportunidade de reafirmar na Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente*, leva muitas pessoas a viverem como se Deus não existisse ou a contentarem-se com uma religiosidade vazia, incapaz de se medir com o problema da verdade e com o dever da coerência (cf. n. 36). Quarenta anos de sufocamento sistemático da Igreja, de eliminação dos seus Pastores, bispos e sacerdotes, de intimidação das pessoas e das famílias, pesam gravemente sobre a geração actual. É o que se observa, em particular, no âmbito da moral familiar, como emergiu de alguns dados estatísticos fornecidos por ocasião do *Ano Internacional da Família*. Quase metade dos casais se divorcia ou se separa, sobretudo na Boémia. A prática do aborto, consentida pelas leis herdadas do regime passado, embora dê sinais de ligeira diminuição, está ainda hoje entre as mais altas no mundo. Como consequência, o fenómeno da diminuição da natalidade assume proporções cada vez maiores: desde há alguns anos o número dos decessos já superou o dos nascimentos.

Outro desafio para o anúncio do Evangelho é o hedonismo, que de Países vizinhos fez irrupção nestas terras, contribuindo para fazer penetrar a crise dos valores na vida quotidiana, na estrutura da família, no modo mesmo de interpretar o sentido da existência. Sintoma de uma situação de grave mal-estar social é também a difusão de fenómenos como a pornografia, a prostituição e a pedofilia.

Caros Irmãos, estais bem conscientes destes desafios, que estimulam a vossa consciência pastoral e o vosso sentido de responsabilidade. Eles não vos devem desanimar, mas antes constituir ocasião para renovar o empenho e a esperança. A mesma esperança que animou Santo Adalberto, apesar das provas, também espirituais. É esperança que nasce da consciência de que «a noite vai adiantada e o dia está próximo» (*Rm.* 13, 12), porque connosco está Cristo ressuscitado.

Na sociedade estão presentes não poucas forças boas, muitas das quais estão à frente nas paróquias e se distinguem pelo empenho de santificação pessoal e de apostolado. Faço votos por que, com a vossa ajuda, elas possam sempre superar as dificuldades e os obstáculos.

4. A família esteja no centro das vossas atenções de Pastores. «Igreja doméstica», ela é a mais sólida garantia para a almejada renovação em vista do Terceiro Milénio. Exprimo apreço pelas múltiplas iniciativas e pelos vários centros para a família, surgidos em toda a parte do País a fim de favorecer a ajuda concreta à infância, à juventude em dificuldade e às mães solteiras.

Na família, intimamente marcada por usos, tradições, costumes, ritos profundamente impregnados de fé, encontra-se o terreno mais adequado para o florescimento das vocações. Quando a voz dos Pastores era estrangida a calar, as famílias souberam manter a herança cristã dos antepassados e ser centros de formação cristã para os filhos, entre os quais surgiram numerosos sacerdotes, religiosos e religiosas. A hodierna mentalidade consumista pode ter repercussões negativas no nascimento e no cuidado das vocações; daqui a necessidade de dar prioridades pastorais à promoção das vocações sacerdotais e de particular consagração.

A família é também o fulcro formativo da juventude. A Europa do Ano 2000 tem necessidade de jovens generosos, ardorosos, puros, que saibam assumir de modo responsável o seu futuro. Caríssimos Irmãos Bispos, desejo exprimir um especial apreço pela solicitude, com a qual seguís o crescimento humano e espiritual da juventude. Já desde o tempo da opressão, existia uma densa rede de actividades, guiadas por sacerdotes corajosos, para a formação dos jovens e das jovens. Desenvolveu-se assim uma acção capilar em benefício da juventude com casas de acolhimento, retiros espirituais e encontros periódicos formativos. Essa fecunda operosidade produziu ricos frutos de maturidade espiritual. Sejam portanto encorajadas, nesta perspectiva, todas aquelas iniciativas de voluntariado, que podem ser de valor formativo para a juventude.

5. Exprimo viva satisfação pelas actividades caritativas, que as dioceses da Boémia e da Morávia

realizam mediante organismos apropriados, especialmente a «*Cáritas*». Com a sua presença, essas organizações são capazes de sensibilizar a generosidade pública a favor de objectivos sabiamente escolhidos e apresentados. Refiro-me em particular à ajuda levada às pobrezaas ocultas, existentes na Pátria; à louvável obra realizada em auxílio das populações da Bósnia-Herzegovina; à atenção para com as obras missionárias, os hansenianos e os marginalizados do mundo inteiro.

Na diversificada presença da Igreja na República Tcheca, encontram lugar também numerosos Movimentos, que em todos os campos pastorais, especialmente o da juventude, colaboram para a maturação das consciências. Recomendo-lhes que se mantenham sempre em sintonia com os Pastores da Igreja, cultivando um autêntico espírito de colaboração, testemunhado na pronta disponibilidade a acolher as indicações pastorais, por eles emanadas no exercício da sua responsabilidade ao serviço do rebanho que lhes é confiado.

Caríssimos Irmãos Bispos, bem conheceis como a Igreja estima e promove toda a autêntica forma de cultura e se esforça por entrar em comunhão e diálogo com ela. O lugar de encontro entre Igreja e cultura é o mundo, e nele o homem, chamado a realizar-se progressivamente com o auxílio da graça divina, mediada pela Igreja, e de todo o subsídio espiritual posto à sua disposição pelo património de civilização da Nação. A verdadeira cultura é humanização, enquanto que as falsas culturas são desumanizantes. Por este motivo, na escolha da cultura o homem põe em jogo o seu destino. Praga tem sido um farol de vida intelectual de raro prestígio. Celebrar-se-á este ano o 650º aniversário de fundação da célebre Universidade «*Carlos*». Ao longo dos séculos a vida cultural tcheca foi atravessada por inúmeras e às vezes contrastantes correntes espirituais, das quais permanecem ainda hoje vestígios indeléveis. A preocupação pela cultura deve ser constante na vossa acção pastoral. A colaboração do clero e dos religiosos

6. Nesta acção de empenho múltiplo, os sacerdotes são os vossos primeiros colaboradores; sem eles a vossa acção não poderia ser profícua. Recomendo-vos: amai o vosso clero, estai junto dos vossos presbíteros, que, bem sei, sentem o peso do seu enorme trabalho pastoral, com o cuidado de paróquias, às vezes muito numerosas, que requerem tempo, disponibilidade e fadiga. Muitos deles sofreram nas prisões do Estado, com consequências para a saúde que se fazem sentir ainda hoje, e que a idade não pode deixar de agravar. Os sacerdotes mais jovens, que saíram do Seminário com ardentes propósitos de apostolado, podem às vezes ser tentados a deixar-se levar pela rotina, se não pelo desânimo, por causa da solidão ou do insinuar-se de certas teorias já amplamente difundidas no Ocidente. Estai junto deles. Acolhei-os como irmãos. Fazei com que sintam que os amais, e que o seu trabalho vos é indispensável.

De igual modo importante é instaurar e cultivar uma plena e autêntica colaboração com as comunidades religiosas, masculinas e femininas, de vida tanto activa como contemplativa, em especial com os religiosos que receberam a sagrada Ordenação e administram com generosidade e empenho diversas comunidades paroquiais. Eles constituem parte integrante dos

vossos presbitérios.

Merecem, por fim, ser sustentadas e valorizadas pelo vosso clarividente empenho pastoral as múltiplas actividades editoriais e de imprensa periódica, e todas as outras numerosas possibilidades de apostolado e de testemunho, que o Espírito Santo suscita nas famílias religiosas, masculinas e femininas. Relação entre Estado e Igreja

7. Estou a par de problemas ainda hoje abertos nas relações, aliás cordiais e sinceras, entre a Igreja e as competentes Autoridades do Estado. Permiti-me evocar alguns argumentos entre os mais urgentes, sobre os quais concentrar a vossa atenção, não só no contexto destas celebrações em honra de Santo Adalberto, mas também em perspectiva da próxima Visita *ad limina Apostolorum*.

Ainda hoje não existe uma normativa clara que regule as relações entre o Estado e a Igreja católica, e é certamente necessário, e útil às duas partes, chegar afinal, depois de quase oito anos desde a queda do regime, à almejada definição dos recíprocos direitos e deveres. A Santa Sé está empenhada em procurar essa solução, em entendimento com a vossa Conferência Episcopal.

Como se sabe, a Igreja católica, aqui como noutras partes, não pede privilégios, não pede para ser servida, mas para servir, segundo o exemplo do seu Fundador (cf. *Mt.* 20, 28). Pede para poder exercer livremente e com dignidade a própria missão, que se exprime na evangelização e na promoção humana, e por isso na pregação do Evangelho, instrução religiosa, formação da adolescência e da juventude, pastoral universitária, actividade caritativa e assistencial.

Neste contexto se põe a questão da restituição dos bens, confiscados com acto de arbítrio nos anos obscuros da perseguição. Naquele período a Igreja foi defraudada das doações, provenientes de privados e de instituições várias, destinadas a precisas finalidades de educação e de caridade. A Igreja tem direito de viver na autonomia e, se pede estes bens, fá-lo porque com eles pode responder às exigências inalienáveis da sua missão.

A Igreja, como foi repetido desde o início da existência livre nesta Nação, está disposta a dialogar acerca da modalidade de restituição dos bens confiscados. Para alcançar este fim, é preciso estabelecer uma precisa e prevenida linha de acção por parte tanto do Estado como da Igreja.

Será depois necessário que estes problemas sejam tratados, com objectividade e competência, por uma Comissão mista, na qual participem qualificados representantes do Estado e da Igreja. Com base na experiência adquirida em casos análogos noutros países, uma Comissão presidida pelo Nuncio Apostólico e composta de um cóngruo número de Bispos e de leigos especializados, poderia examinar esses problemas com uma correspondente Comissão da parte governamental, para chegar quanto antes a uma satisfatória solução das questões ainda pendentes.

Por fim, é urgente que se consinta à Igreja estar presente em campos de preeminente carácter espiritual, como acontece já há tempo noutros Países europeus. Refiro-me ao ensino da religião nas escolas estatais, que hoje merece ser considerado uma contribuição primeira para a construção de uma Europa, fundada sobre aquele património de cultura cristã que é comum aos povos do Oeste e do Este europeu. Penso depois no cuidado pastoral nos hospitais e nos cárceres e, de modo particular, na assistência espiritual no exército, com a presença de Capelães militares, bem preparados. Tenho conhecimento de uma primeira tentativa neste sentido junto das tropas deslocadas na Bósnia- Herzegovina, que está a ter bom êxito.

Se recordei estes compromissos é também para evidenciar que a Santa Sé, no conhecimento directo dos vossos desejos e necessidades, está e estará sempre à vossa disposição para vos oferecer uma colaboração discreta e concreta para a solução desses problemas.

8. Senhor Cardeal, Venerados Irmãos! O Milénio de Santo Adalberto ofereceu-nos a ocasião para reflectir sobre os problemas da Igreja nesta querida Nação. Certamente, eles existem, e podem ainda ser graves. Mas, por outro lado, são também a prova de que a Igreja é viva, cresce e se põe como interlocutora autorizada nas várias instâncias de renovação espiritual, cultural, social e política da hora presente.

Depois de longos anos de perseguição, o Decénio de renovamento espiritual contribuiu para concretizar, na linha da milenária civilização cristã do País, a esperada resposta aos vários sectores da vida eclesial e civil. Sim, podemos repetir que «a noite vai adiantada e o dia está próximo».

Se permanecem zonas de sombra, são um motivo para se empenhar mais. Na Carta Encíclica *Ut unum sint* descrevi a missão do Sucessor de Pedro no âmbito do Colégio Episcopal, como a de uma «sentinela» que confirma os seus irmãos Bispos, de maneira que «se ouça em todas as Igrejas particulares a verdadeira voz de Cristo-Pastor» (n. 94). Agradeço, portanto, ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ter-nos oferecido a oportunidade de experimentar a nossa «cooperação na difusão do Evangelho» (*Fil.* 1, 5), haurindo força e encorajamento um do outro, segundo «a extraordinária riqueza da Sua graça» (*Ef.* 2, 7). Permitti-me perguntar- vos, no ápice das celebrações em honra de Santo Adalberto: *Custos, quid de nocte? Custos quid de nocte?* «Sentinela, que tempo é da noite?» (*Is.* 21, 11). Deve despontar o dia. Deve despontar a aurora nova do Sol da justiça (cf. *Ml.* 3, 20), Cristo, Deus de Deus, Luz da Luz, sem o Qual não se pode construir a civilização do amor. Sede portanto sentinelas, que indicam ao rebanho o aproximar-se de tempos melhores.

Com a obra concorde de todas as forças, sinceramente preocupadas pelo bem do homem, faço votos por que se possa consolidar aquela paz de Cristo, que é indispensável para a instauração de uma ordem de justiça, de paz, de progresso para a qual tendem as aspirações mais profundas deste povo, a vós e a mim caríssimo.

Deus vos abençoe e vos acompanhe na difícil e exaltante obra que estais a realizar!

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana